

per sous une forme vivante un certain nombre de molécules et de manger une feuille, a fait une oeuvre qui aura des conséquences dans la série éternelle des causes. »

Damos aqui por encerrada a nossa dissertação.

Pedimos venia para o obscuro producto do nosso dedicado, porém fraquissimo esforço em prol dos estudos da Prehistoria no Brasil.

Fazemos votos para que deste Congresso Scientifico saiam elucidadas muitas e complexas questões de Anthropologia e Ethnologia Prehistoricas, de Archeologia, Linguistica, e Paleontologia, que interessam ao continente americano.

Os competentes decidirão muitos pontos lacunosos, nessas sciencias, e augmentarão o cabedal para taes estudos, no Brasil e noutros paizes latinos do Novo Mundo.

Assim o cremos e desejamos.

FINIS

Mens et Labor

Nota final.

Esta *Memoria*, concluida e editada em 1.^a edição, ha dois annos e tanto (17-V-1905), em numero restricto de 200 exemplares, soffreu varias modificações e recebeu alguns accrescimos, na presente edição da *Revista do Archivo Publico Mineiro*.

O que se avisa o leitor, por dever de lealdade.

N. de S.

Bello Horizonte (19 Novembro, 1907).

CARLOS OTTONI

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI

Memoria biographica lida no Instituto Historico e Geographico Mineiro e publicada em commemoração do 1.^o centenario do nascimento do grande cidadão

1807 — 1907

Theophilo Benedicto Ottoni

Biographia do senador Theophilo Benedicto Ottoni, lida pelo seu auctor dr. Carlos Honorio Benedicto Ottoni, em sessão do Instituto Historico Mineiro e publicada para commemoracão do 1.º centenario do seu nascimento, a 27 de novembro de 1907.
 (1807—1907).
Dilectus populo libertatisque sacerdos.
 Falleceu a 17 de outubro de 1889.

I

Este esboço é um preito a um grande morto que o perpassar dos annos não fará nunca esquecer.

Era um varão forte e justo.

Lafayette, o sabio juriconsulto e eminente estadista brasileiro, num discurso proferido na *Reforma*, lhe chamou — «o mais alto, o mais completo e o mais constante reppesentante que a democracia já teve nesta terra».

Dilectus populo libertatisque sacerdos, tal foi o emblema de uma data, mas é a synthese de uma gloriosa existencia.

Amou a Republica, acariciou-a em seus sonhos, padeceu e batalhou por ella, mas morreu no monte Nebo sem ver a terra da Promissão.

Sua morte foi uma sensivol perda nacional, emocionou tristemente o Brasil inteiro e particularmente Minas Geraes, que, na phase conceituosa e justa de José Pedro Xavier da Veiga, nas *Ephemerides Mineiras*, com razão se orgulhava daquelle filho, patriota eminente e de um caracter immaculado.

E' a justiça da historia.

Theophilo Benedicto Ottoni era filho legitimo de José Benedicto Ottoni e d. Rosalia Benedicto Ottoni, ambos naturaes do Serro. Nasceu a 27 de novembro de 1807.

Seu pae, Jorge Benedicto Ottoni, era um mineiro da velha tempera, caracter de ouro. patriota, exemplar pae de familia.

Um espirito culto.

Foi considerado advogado no Serro e Diamantina, ouvido em todas as consultas e procurado para as causas mais importantes.

Delle se pôde dizer, com justa razão «*Vir probus ac tenax.*»

Não se despreocupando das cousas politicas, foi eleito e serviu com maxima distincção no Conselho Geral de Minas Geraes, vendo-se o sulco de sua passagem nas *Actas* e *Diarios* concernentes àquella corporação que precedeu as primeiras e inolvidaveis legislaturas da Assembléa Provincial.

Tomou posse em 1.º de dezembro de 1831.

Sua esposa, d. Rosalia, era uma santa.

O casal foi dos mais felizes.

Apesar de modestos haveres, soube promover a educação de todos os filhos.

Foram 11.

Dos filhos varões seguiram a carreira da marinha—Theophilo, Christiano e Jorge Benedicto Ottoni.

Formaram-se em medicina—Ernesto e Eloy.

Abraçaram o commercio,—Honorio e Augusto Ottoni.

Das filhas—tres não constituíram familia, uma casou-se com o major Joaquim José de Araujo Maia.

Taes os velhos ottonis.

Theophilo Benedicto Ottoni fez seus primeiros estudos no Serro, aprendendo com o maior brilho aquillo que lá se podia ensinar.

Revelou sempre muito gosto pelas lettras, e, aos quinze annos, inspirado pelas idéas liberaes e pela causa da independencia do Brasil, compoz diversas poesias patrioticas, relevando muito talento poetico.

Em 1826, attrahido pelo desejo de conquistar posição, seguiu para o Rio de Janeiro, onde acabou os estudos propedenticos e matriculou-se na Academia de Marinha.

Acolhido com sympathia por collegas, conquistou em pouco a consideração dos seus mestres.

Sua carreira foi de um sulco brilhante.

Ao findar o anno lectivo, tendo de prestar exames sobre as materias do 1.º anno, de tal modo desenvolveu o ponto sorteado que o presidente do acto, sr. chefe de esquadra José de Souza Corrêa, pediu aos examinadores que não se limitassem ao ponto, mas arguissem vagamente o examinando sobre toda a materia do primeiro anno, e tão satisfeito ficou com o resultado do exame que disse da sua cadeira: «estudantes como estes honram os professores e a propria Academia».

A approvação foi das mais distintas.

Premio de estados foi conferido ao examinando—praça de aspirante graduado em guarda-marinha, dispensados os privilegios.

Outr'ora só os filhos dos *Grandes* tinham o direito de assentar praça de guardas marinhas; os descendentes de quatro avós nobres—de aspirantes.

T. Ottoni nem era filho de *Grande*, nem tinha quatro avós nobres.

A excepcional concessão—com a declaração, na Portaria, de ter elle sobressahido entre todos os alumnos academicos como o melhor estudante—mui justamente encheu seu amor proprio.

Moço pobre, T. Ottoni provia a sua subsistencia dando licções de latim e mathematicas elementares.

No latim, era purista, conhecia todos os segredos e bellezas da lingua, era familiar com os classicos e traduzia, sem dicionario, poetas e prosadores.

Da memoria feliz, repetia versos de Virgilio, orações de Cicero, paginas inteiras de Tacito.

E tal o seu amor pela litteratura latina que se tornava impertinente nas licções do filho e era tormento dos sobrinhos que não tinham o mesmo amor á latinidade.

O estudo desta lingua torna-se necessario, porque é o deposito de toda sabedoria do mundo antigo.

A civilização romana, diz Ribas, é a synthese das civilizações hellenica e asiatica, e a ultima phase do progresso a que pôde attingir a humanidade pagã: ora, a nossa actual civilização, como o demonstra Roth, está em intima dependencia da erudição classica.

A T. Ottoni, além das aulas, de suas licções de astronomia e calculo differencial, do seu ganha-pão explicando preparatorios, sobrava tempo para dedicar-se á politica—sua paixão do moço e que encheu sua vida inteira.

Demorar-nos-emos sobre este assumpto.

O ideal de Theophilo Ottoni era a Republica—«o governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra.»

Elle o disse francamente na sua brilhante circular de 1860.

Como *Carnot*, pensava—«que a liberdade não é um devaneio.

que não foi mostrada ao homem para que deixasse de gosar a.»

Não podia admittir que fosse mera illusão esse bem universalmente preferido a todos os bens.

Que a liberdade era possivel, o regimen facil e mais estavel do que governos arbitrarios de qualquer procedencia. Como *Capelligue*: «que a educação deixa em cada um de nós um sello indelevel: as mudanças ultteriores não penetrando além da epiderme. Nascemos e morremos com o mesmo sentimento».

Em Theophilo Ottoni os principios dominavam. Nelle a alma imperou sempre.

Era um ardoroso combatente.

Moço, com o fulgor de sua intelligencia, a parca dos idéaes e coragem civica das acções, conquistava applausos e alargava popularidade.

Cêdo foi admittido á sociedade de Evaristo Veiga, de Vasconcellos, de Rodrigues Torres.

A livraria de Evaristo era o ponto de attracção de todos os dias.

Lá se palestrava, discutiam-se, commentavam-se todos os acontecimentos.

Era o Cenaculo dos patriotas

Evaristo Ferreira da Veiga foi um puro

Jornalista da raça, foi o creador da *Aurora Fluminense*, a qual no dizer cinzelado de Q. Bocayuva, foi a aurora da imprensa politica e combatent, a primeira irradição do genio nacional, illuminando as sombras que envolviam o berço de nossa nacionalidade, o inicio de nossa organização constitucional. (*Paiz*, de 12 de maio de 1887).

Bernardo Pereira de Vasconcellos, o grande athleta da tribuna parlamentar, que naquelle tempo batalhava valentemente no primeiro plano entre os paladinos do liberalismo adeantado—era outro dos co-associados.

Tambem Rodrigues Torres, mais tarde visconde de Itaboraí, doutrinador entusiasta das bellas theorias de Jefferson.

T. Ottoni diz—que não sabia onde Rodrigues Torres acariciava mais seu discipulo, si nas aulas ensinando-lhe as formulas de *Francœur* e *Poisson*, si nas palestras do livreiro patriota.

Como se mudaram depois os tempos?

Naquelle meio patriótico, as cogitações eram da autonomia do povo, o salvamento da Patria das garras do despotismo, a liberdade nos seus mais amplos idéas.

T. Ottoni não parava.

Irrequieto no seu patriotismo, vivia em febril actividade, não descansando nunca.

Frequentava quasi todos os clubs, falava, doutrinava—era um apostolo da revolução.

Iniciara-se em diversas sociedades secretas, estava ao corrente de tudo.

Onde mais se trabalhava era no Club dos Amigos Unidos, de que era secretario, o qual inscreveu na sua bandeira de guerra—*a queda de Pedro I e a implantação da Republica*.

Era um dos presidentes o dr. Cypriano José Barata de Almeida e associados, entre outros, Antonio José do Amaral, José Augusto Cesar de Menezes, João Mendes Vianna, João Pedro Mainart, Epiphanyo José Pedroso, dr. Joaquim José da Silva e Antonio Rodrigues Martins.

Uma nobiliarchia de patriotas.

Que o fim de todos estes movimentos era a proclamação da Republica—disse-o abertamente T. Ottoni, nas palavras que transcrevemos :

« O sete de Abril foi uma verdadeira *ournée des dupes*. Projectado por homens de idéas liberaes muito avançadas, jurado sobre o sangue dos Canécas e Ractliffs, o movimento tinha por fim o estabelecimento do governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra. » (Circular, pag. 18).

As sociedades daquelles tempos só esperavam occasião para dar com segurança o grande golpe.

Theophilo, exaltado pelo coração, incendiado no seu patriotismo, conspirador mesmo, foi mais e mais se entranhando na politica, procurando proselytos, ganhando dedicações e de modo que numa eleição do Sacramento foi aclamado pelo povo escrutador da mesa eleitoral, e levado em braços para sua cadeira. Alli, a proposito de um incidente que affectava á pessoa do ministro da Guerra, general Joaquim de Oliveira Alvares, propoz que fosse este multado.

Seu discurso entusiastico e vibrante foi recebido com aclamações e palmas.

A audacia do guarda-marinha Ottoni, a impetuosidade da indicação, os applausos rumorosos da multidão, fizeram-no incorrer nas iras do governo, e desencadeados os ventos, foi-lhe cassada a permissão de continuar como ouvinte na Escola Militar. E pelo marquez de Paranaguá repetidas ordens de embarque foram dadas para o Baixo Amazonas e para a Africa:—um desterro.

O brioso official—character indomavel, alma ineffrida, requereu baixa da Armada, porque considerava as medidas do governo castigo á sua intervenção politica como cidadão.

Arrancando-se os galões tão excepcionalmente conquistados, que ninguém honraria mais, e vendo despedaçada sua carreira de tantos sacrificios, determinou-se a ir abrir uma casa de commercio na terra natal, levando como signo de patriotismo e clava de combate—uma typographia.

Eis como surgiu a *Sentinella do Serro*.

Retirando-se do centro dos acontecimentos que evoluíam, não ensarilhou armas, mas levou o sabre do combate.

O que foi a *Sentinella*, dizem seus numerosos espaasos—scentelhas brilhantes, seus candentes artigos perpetuados em transcrições, que a tradição consagra e contemporaneos, que restam, testemunham.

Os artigos eram vibrantes, violentos muitas vezes, mas sem injustiça.

A *Sentinella* era o látigo e a palma.

Nos primeiros dias da revolução, era o entusiasmo ardente, depois o receio da anarchia—no interesse da unidade nacional; por fim—a certeza da mystificação, que chamou apropriadamente *ournée des dupes*.

Por partes. Não precipitemos.

A noticia da revolução de 7 de abril, com a abdicação do primeiro imperador, tinha incendiado os animos.

Não se adivinhava o rumo da revolução, não eram apercebidos seus conseqüentários.

Immediatamente a cidade illuminou-se, tangeram os sinos, bandas de musica percorreram as ruas, foram entoados hymnos patrióticos entre vivas á revolução, aos patriotas de 1831, ao redactor da *Sentinella do Serro*.

T. Ottoni era o entusiasmo e a ordem.

Na contingencia dos acontecimentos, seguiu a Evaristo e, aos moderados, acostou-se ao principio monarchico—contanto que a monarchia fizesse, por meio de reformas legaes na Constituição, largas concessões aos principios democraticos. (Circular, pag. 17).

Teria sido um erro seu.

E' possível que o fosse.

Mas a defesa de T. Ottoni é a de Evaristo por Quintino Bocayuva, no 50.º anniversario da vida d'além tumulo:

«Fossem quaes fossem as apprehensões do teu espirito sorprezo e vacillante na hora da victoria, combatido simultaneamente por preoccupações oppostas, que ora te impelliam para a liberdade, ora te arastavam para o berço do imperador infante—como garantia de unidade nacional; fossem quaes fossem os desmaios e incertezas que não soubeste dissipar, afim de inaugurar-se com a gloria immaculada do teu nome, a gloria mais invejavel ainda de seres o fundador de um Estado verdadeiramente livre e grande, a historia te perdoará a debilidadade suprema, pela pureza de tuas intenções e pela honestidade do teu comportamento leal e franco. (Paiz, de 1887).

Não ha justiça em falsear os intuitos do 7 de Abril.

A revolução não foi simplesmente de passagem de poder, mas significativa das novas aspirações.

Ouçã-se o proprio T. Ottoni:

«Na côrte, é theoria banal que o dia 7 de abril significa pura e simplesmente o principio do segundo reinado pela ordem natural da successão.

«Não querem comprehender, entretanto, que no dia 7 de abril de 1831 o povo e a tropa reunidos no Campo da Honra ao grito significativo de viva a Federação—quando simultaneamente se faziam pronunciamentos identicos em Minas e Bahia, havia consummado uma revolução, como a de 1688 na Inglaterra.

«Não querem comprehender que a nação quebrou no dia 7 de abril o que podia haver de aspiração tradicional no primeiro reinado, e marcou soberanamente as condições do segundo.

«Não querem comprehender que as instituições no dia 7 de abril receberam nova tempera, e que nesse dia, por antecipação, foi inaugurada a reforma federativa ou o Acto Addicional.

«Não querem comprehender que a abdicção não foi um acto espontaneo; nesse dia o Brasil, tendo tirado o throno ao principe portuguez e devolvido regenerado ao principe brasileiro.»

Este o lemma da revolução.

Tal a idéa que a presidiu.

Accusam de versatilidade aos patriotas de 1831.

Tal accusação não tem procedencia.

A revolução deve ser apreciada nos seus intuitos. E' obra esta de boa fé.

Depois, deve se attender á época de transição, ao aspecto do tempo, ás circumstancias do meio, á falta de educação do povo, do aparelhamento para a revolução, ao receio de tudo perder pela desorganização e pela anarchia.

T. Ottoni nunca foi regressista.

Suas idéas estavam nitidas na *Sentinella do Serro*,—antes, no momento, e depois de operada a revolução.

Desde o verdor dos annos, pelejou sempre com armas brancas pela plenitude das idéas democraticas.

Não estava no Rio de Janeiro—no theatro dos acontecimentos. Não sabia até onde iria a revolução. Não a dirigiu, era apenas combatente. Porque culpá-lo? No Serro—no seu meio de acção—foi até onde podia ir e *desassombradamente*.

Os patriotas serranos estiveram em armas desde 4 de abril e promptos para marchar. O Serro era uma praça d'armas, em revolta aberta contra o governo.

T. Ottoni bravamente assumiu a responsabilidade dos acontecimentos e delles foi alma.

Organizou-se uma caixa militar com 11:000\$, logo no acto da primeiras reunião.

Antecedentemente haviam comprado todo o chumbo, polvora, salitre e armamento que podia haver no commercio. As senhoras serranas offereceram suas joas, seus serviços e uma quota para a caixa militar.

O 7 de Abril foi meia victoria. Não era a Republica que triumphava, mas o despotismo que cahia.

O 7 de Abril devia ser a Republica, mas podia também ser a anarchia com as desordens, as sedições, a intervenção estrangeira.

A lealdade de T. Ottoni está limpida no seu procedimento posterior, na sua correção impolluta.

Disse na sua notavel «Carta Politica», uma autc-biographia:

«A ordem das idéas que depois de 14 de julho predominou no governo do 7 de Abril não me agradava por, certo.

E si a democracia creasse então uma opposição regular, eu não me chegaria para os moderados.

Porém a opposição começou a revolver na Côrte e na Bahia os mais perigosos instinctos de nossa sociedade, chamando em seu apoio a espada de soldados indisciplinados, quando se tratava da solução das mais graves questões constitucionaes. (Circular, pag. 17).

Dahi a justificativa do seu procedimento leal e franco nesse periodo primeiro reinado.

E' a precisão dos factos.

O primeiro reinado teve grandes erros; mas, na phrase de Laudulpho, legou-nos uma nacionalidade constituida e dois monumentos gloriosos de civilização—a Constituição e o Código Criminal. Mas era preciso fecundar essas conquistas; tirar os corollarios da revolução.

Retracer jâmas, caminhar sempre.

T. Ottoni na sua *Sentinella do Serro*, vendo que se impunham reformas adiantadas, propoz em brilhante artigo que se republicanizasse a Constituição do Brasil, cercando as attribuições do poder moderador, organizando em Assembléas Provincias os conselhos geraes de Provincia, abolindo a vitaliciedade do Senado. (*Sentinella*, n. 43, de 25 de junho de 1831).

Este programma da *Sentinella* era em pouco projecto de lei approvado na Camara dos Deputados, que mandou dar poderes constituintes aos eleitores para reformarem a Constituição nas tres bases mencionadas.

O Senado, entretanto, tornava-se sobranceiro às novas idéas.

Os conservadores, diz T. Ottoni, na sua celebre circular de 1860, «preparavam evidentemente uma leva de broqueis. Derribar com o governo do 7 de abril, a regencia, em nome de D. Pedro II, para substitui-la por outra em nome de L. Pedro I, tal o programma retrogrado—qual o futuro o patenteou.

«As circumstancias eram prementes. A revolução ia para a rua em nome dos conservadores. Não era de admirar, portanto, o direito natural de defesa.

«Era voz geral que o projecto naufragaria no Senado. No Rio, pullulavam as sociedades—a « Militar » dos conservadores, a « Defensora », de Evaristo, e a « Federal », de Custodio Serrão. Nas Provincias, refervia a mesma agitação. T. Ottoni, no Serro fundou a « Promotora do Bem Publico », que Evaristo chamava a « Encyclica Promotora ».

Audaz sempre nas effusões de sua alma, numa das sessões a 2 de fevereiro, propoz e deliberou-se convidassem as outras sociedades patrioticas da Provincia e do Imperio, bem como as municipalidades, para que, não tendo passado no Senado o projecto de reforma constitucional, ou havendo sido rejeitado até ao dia da convocação da Assembléa, houvessem de influir nos circulos eleitoraes dos seus districtos, para que os eleitoaes dessem poderes consiituintes aos futuros deputados para reformarem a Constituição.

A arrojada iniciativa abalou o Paiz. Os proprios moderados não acceitaram a idéa. A *Sentinella do Serro* foi processada, os membros da Promotora perseguidos e dispersos! E a *Sentinella* teve de desaparecer.

São de T. Ottoni estas palavras:

« Homem impossível para o partido conservador, repudiado pelos moderados, e sentindo repugnancia pelos anarchistas, democrata pacífico, recolhi-me a quartéis de inverno.»

A justificação de T. Ottoni pelos moderados deu-se mais depressa do que era licito esperar. Na sua proposta suggerira elle a idéa de dar poderes constituintes aos eleitores para a reforma constitucional. No golpe parlamentar de 30 de julho de 1832, proposto com a responsabilidade da regencia, a Camara se arvorava, sem missão, em Assembléa Constituinte, para votar nova Constituição com as mesmas idéas. Malgrado o golpe pela opposição vehemente de Honorio Hermetto, vieram ellas vingar no Acto Adicional, menos a abolição da vitaliciedade do Senado, que deixou de passar por um voto.

São ainda da circular estas palavras:

« Das tres bases propostas por mim, só não tinha vingado a abolição da vitaliciedade do Senado.

« Os conselhos geraes de provincia estavam convertidos em Assembléas Legislativas com amplas faculdades.

« A suppressão do conselho de Estado vitalicio era tambem uma grande victoria da idéa liberal, pois que annullava em sua essencia o poder moderador, a causa de tantas apprehensões durante o primeiro reinado.

Nova e solemníssima prova de sinceridade das suas crenças e da sua coragem civica deu T. Ottoni em 1833, fazendo-se centro do movimento armado para a soffocação da sedição militar de Ouro Preto—que, com intuitos restauradores depoz violentamente Manoel Ignacio de Mello e Souza, depois Barão do Pontal, e a Bernardo Pereira de Vasconcellos, aquelle presidente, este vice-presidente da Provincia. Ambos foram soltos em Queluz, e Vasconcellos installou o governo em S. João d'El-Rei, reimpossando Mello e Souza.

« Não podia ficar neutral, disse T. Ottoni, tratando-se de combater o principio retrogrado. A' voz do grande cidadão que havia assumido em S. João d'El-Rei a vice-presidencia, fiz-me centro do movimento no Serro e marchei commandando uma companhia de Guarda Nacional da força expedicionaria, que dalli foi a Caeté, e que não custou um vintem de despesa ao thesouro publico.

Os Serranos não tiveram de bater-se, porque, durante sua marcha, os sediciosos se haviam rendido às forças da legalidade.

Eleito deputado provincial em 1835, sem solicitação de mandato, T. Ottoni, foi em nova e brilhante arena de combate, prestar os mais inolvidaveis serviços.

Na tribuna, revelou-se imperterrito defensor do Acto Adicional, a magna carta das franquezas provinciales, o paladium da liberdade.

Teve de enfrentar e bater-se contra o athleta da tribuna—o ominente sr. B. de Vasconcellos.

Operoso, não descançava, occupando-se de todos os magnos assumptos:—do ensino, viação e finanças.

Na Lei Mineira, ha sulcos luminosos de sua passagem, prova evidente de dedicação pelos interesses da provincia.

T. Ottoni era centro de opinião e a Provincia dava-lhe força com seus applausos.

Laureado de serviços, conquistando a confiança de seus committentes, impondo-se à popularidade, foi com justiça elevado ao Parlamento Nacional na quarta legislatura de 1838-1840.

A situação era, então, das mais difficis. A reacção tremenda. A oligarchia tinha hasteado a bandeira do regresso, querendo derrocar as grandes conquistas, os monumentos da civilização e do progresso que os patriotas do primeiro reinado haviam erigido na legislação do Paiz. »

T. Ottoni foi ousado, bravo.

Desde o primeiro dia, diz Macedo, um dos seus mais conscienciosos biographos, «elle tomou seu posto como decidido e vehemente opposicionista. Combatu ineançavel contra a situação conservadora até ver a esmagada pela victoria da maioria.»

Nas linhas oppostas enfrentou seus companheiros de 1831—Vasconcellos e R. Torres.

O lemma do regresso era a reforma do Acto Adicional, que ja havia sido proposta a titulo de interpretação.

O programma de T. Ottoni era a verdade do Acto Adicional, a defesa dos opprimidos, a economia dos dinheiros publicos.

Ao parecer da commissão sobre a interpretação apresentou T. Ottoni uma emenda no voto de graças, consagrando, como artigo de fé, a fidelidade aos principios do Acto Adicional, emenda que foi adoptada e defendida brilhantemente pelos Montezuma, Limpo de Abreu e Alvarés Machado.

A esse symbolo deu-se o nome de *Bandeira das Franquezas Provincias*.

T. Ottoni combateu tambem o orientalismo da corte pelo restabelecimento do beija-mão.

São do dr. Justiniano José da Rocha estas palavras:

« Appellamos para a recordação dos que então viviam e se achavam na Capital do Imperio; elles que digam que sensação immensa produziu na cidade, de exaltação em uns, de indignação em outros, de surpresa em todos, quando se soube que na festividade da Cruz dos Militares havia-se o regente inclinado e beijado a mão do Imperador ! »

Em 1839 feriu-se a grande batalha contra o projecto e depois lei de interpretação do Acto Adicional, proposto por Paulino de Sousa, Miranda Ribeiro e José Clemente.

T. Ottoni, em discurso vibrante, com argumentação cerrada, logica e erudita combateu ponto por ponto o projecto — destruindo-o, verberando-o de contradictorio, absurdo, inconstitucional.

E, na verdade, a lei de 1840 feria a Constituição e annullava o Acto Adicional.

A liberdade estava em perigo.

A organização ferrea do partido oligarchico, a politica de destruição, o arbitrio substituindo a lei, explicam a revolta dos liberaes, fazendo appello ao golpe de Estado, para declarar o imperador maior.

A maioria foi resolvida por imposição das circumstancias — para evitar maior mal.

« Para aproveitar-se uma occasião fugitiva de fazer o bem do paiz, dizia Jefferson, é licito ir além da Constituição ».

O pensamento que a aconselhava era — o para esmagamento da prepotencia, do regresso, do terror.

O imperador mesmo, consultado, respondeu por escripto:

« Quero e desejo muito que a maioria seja realizada pelos Andradas e seus amigos ».

O projecto foi apresentado na sessão de 13 de maio de 1840 e assignado por Hollanda Cavalcanti, Alencar, Paula Cavalcanti, José Bento, Costa Ferreira e Mello Souza.

O Marquez de Paranaguá adheriu a elle.

Ottoni sustentou-o, não porque deixasse de ser constitucional o art. 121 da Constituição, mas como recurso julgado necessario contra desatinos, égide em favor dos principios liberaes.

« Segundo meus principios, diz elle, em certas circumstancias, pôde o executor das leis e da Constituição tomar sob sua responsabilidade e não proceder inteiramente de accordo com a letra e espirito da lei, quando motivos muito ponderosos justificarem este procedimento — *Jornal do Commercio*, de 19 de janeiro de 1840 ».

O projecto passou na Camara, mas foi rejeitado no Senado. No mesmo dia reuniu-se o « Club Alencar ». Era enorme a agitação, fraternizando no pensamento da maioria o povo, a tropa, a guarda nacional.

O governo, com imprudencia e despaite, lavrou o decreto de adiamento das Camaras. A leitura já tinha sido feita na Camara dos Deputados, em meio de imprecações, quando o senador Ferreira e Mello entrou no recinto e convidou a opposição para que o seguisse até ao Senado, onde se não havia ainda lido o decreto do adiamento. A opposição o acompanhou inteira, e quando chegaram os deputados ao Paço do Senado, já no campo de Santa Anna era immenso o concurso.

Os senadores e deputados presentes mandaram uma mensagem ao monarcha rogando que tomasse sobre si o encargo de salvar o Imperio da combustão que o ameaçava. O sr. d. Pedro II annuiu a

esse appello e a maioria foi proclamada a 23 de julho. (Historia de Marinho, 1.º vol., pagina 42).

O joven mo narcha, que entrou francamente nos planos da maioria, que conspirou com os quatorze confederados, seis senadores e oito deputados, que, á primeira missiva que lhe foi remettida, respondeu com o seu *quero ju*; que despachou titulares os emissarios, que escondeu os fios da conspiração á policia do Palacio, ao proprio regente, ao ministerio, dando, afinal, na hora decisiva do appello o seu imperial—Sim—, com sua letra, como foi exigido.— não podia *sem violação dos principios de lealdade* deixar de organizar um ministerio maiorista, e o organizou com os Andradas, Limpo de Abreu, os irmãos Cavalcantis, mas incluindo um elemento discolo e palaciano—o ministro do estrangeiros, sr. Aureliano de S. O. Coutinho, depois visconde de Sepetiba. Era a morte do ministerio, sua condemnação á inacção, o falseamento do programma, a vida condemnada ao expediente.

O futuro o provou.

Demorar nos emos mais um pouco sobre a maioria, onde desde logo se desenharam as tendencias, as foções do segundo reinado, com seu governo pessoal e o Cesarismo.

A maioria foi uma illusão de esperanças.

Duravam ainda as festas rumorosas pelo novo advento e já os maioristas, arrependidos, cobriam-se de cinzas.

Não valia a pena o golpe de Estado parlamentar, a conspiração em que entrou o joven imperador, para os consocarios que se desentrolaram depois.

Não era a escalada de poder o plano da maioria, para isto não se prestariam hemens como Vergueiro, Jose Bento, Alencar, os dois Andradas, Ottoni, Marinho e os demais: a maioria não era o poder, era o principio; a maioria não era o supprimento de idade, era a reforma.

O desengano, porém, veio depressa.

E tão depressa — que nas ameias do castello da Revolução, nos paços do poder, não pode ser hastenda a bandeira da victoria.

Aquella organização hybrida arrancada á descendencia dos maioristas foi o primeiro passo para o governo pessoal que dominou todo o segundo reinado.

Aureliano, no governo maiorista era a negação da revolução, o tropéço, a desconfiança.

O passado das relações delle com os primeiros estadistas do governo era de resentimentos.

Não podia contar com a cordialidade dos Andradas—os patriarchas da Independencia — porque tinha sido elle o ministro que mandara prender, processar e desterrar na ilha do Paqueta — o primogenito dos Andradas—o Washington Brasileiro.

Não podia contar com a confiança do ministro da Justiça, porque tinha este apressado sua queda do gabinete anterior.

E a dificuldade impoz-se de tal maneira, que os Andradas e seus collegas do governo maiorista não puderam dissolver a Camara, moralmente impossivel, não puderam pedir um bill de indemnidade necessario para a revolução que violou texto constitucional — o art. 121 da Constituição de 1824.

A situação da Camara era das mais humilhantes.

Ella tinha apoiado o ministerio parlamentar de 1837, o ministerio oligarcha de 1840 e o de maioria de 1841.

Mas, fale T. Ottoni :

« Em vez do decreto de dissolução e do programma ministerial, o publico foi edificado com os despachos que tiveram os ministros—os primeiros agraciados da maioria.

« Logo—em seguida á organização do Ministerio, o pontífice da seita palaciana vestia com a libré de camaristas seus cinco collegas.

« E os Andradas, sobre cuja cabeças venerandas resplandecia o astro de Ypiranga, tiveram de enfileirar-se com a criadagem de libré.» São ainda de T. Ottoni estes conceitos :

« A seita palaciana havia predominado desde a maioria até o dia 20 de janeiro de 1842.

Os ministros da maioria tiveram de resignar o poder para não se sujeitarem ao conselho aulico do ministro do estrangeiros. (Circular de 1860.)

Foi procurado um pretexto para a não continuação do governo, que já tinha feito a maioria e podia ser aliado: foi a insinuação perflida de que o ministerio dos Andradas era connivente com a revolução do Rio Grande do Sul.

Intriga de resposteiros.

A porta do sahida era a admissão do general João Paulo dos Santos Barreto, que o governo não accoitou e que não podia decentemente accetar.

Aureliano reorganizou, então, o ministerio, a 23 de março de 1841, com elementos seus, dando as pastas aos membros mais exaltados da opposição.

Desencadearam-se, então, os odios, a razzia tremenda operou-se, a confiança da vespera foi a desconfiança do dia seguinte.

Vieram leis de excepção, a reforma do Acto Adicional, a titulo de interpretação, a nullificação das franquias provinciales, o conselho de Estado oligarcha, a reforma dos codigos—com a prisão arbitrária e quantas outras medidas de esmagamento.

Marinho, na Revolução de Minas, diz: «o para cumulo de males foram protegidos e animados; desperdícios, elevado o deficit, decretados pagamentos indevidos aos Youngs, aos Rigands e outros; e, depois de levarem o paiz a uma divida insolavel, prepararam as commoções de S. Paulo e Minas.

Falando dessa época, diz Landulpho: «A política foi de reacção incessante, pertinaz, contra as conquistas do primeiro reinado. Abre-lhe a carreira a lei de 3 de dezembro de 1841, que escarnece da Constituição, violando-a, e mutila o Código Criminal. O conselho de Estado e a lei de interpretação annullam o Acto Adicional. Parece que a missão é destruir.

Eis a que resultados se tinha chegado!...

A opposição era composta dos Andradas, Limpo de Abreu, Ottoni, Alvares Machado e outros vultos da politica, mas o poder esmagava, era a dictadura.

Dahi as commoções que irromperam em S. Paulo e Minas.

Mas trata-se de T. Ottoni; falemos da Revolução de Minas.

II

1842

REVOLUÇÃO DE MINAS

O Deus das batalhas permittiu que fossem rapidos os momentos da revolução. Não passaram de 72 dias.

A idéa dos espiritos não era da perduração de odios, porque Minas é o amor; mas o levantamento em massa para dizer aos oppressores: «Basta!».

De tal modo eram provocados e arrastados os revoltosos para fóra do terreno da lei, que não havia meio de contel-os. E' o facto.

A simultaneidade dos encontros, dos combates, das batalhas feridas, mostram que a revolta estava na alma de todos, fervia no sangue dos rebeldes.

O rastilho dos desgostos é como o da pólvora. A medida estava cheia.

A revolução é direito quando se impõe como reivindicação de direitos.

Ao grito de Barbacena, a 10 de junho de 1842, responderam em éstos de resolução e coragem cívica — as camaras municipaes do Pomba, de Lavras, de Ayruocés, Santa Barbara, S. João e S. José d'El-Rei, Bomfim, Carvello, Baependy, Caeté, Sabará, Paracatô.

No movimento politico tomaram parte republicanos e monarchistas, não por idéa de poder, mas pelo radicalismo de principios.

A revolução era a resistencia legal que a lei justifica.

Os nomes de José Feliciano, Dias de Carvalho, Camillo Armond, Theophilo Ottoni, Marinhe, Mello Franco, José Jorge, João Gualberto, vigário Camillo de Britto, capitão Pedro Carvalho, Francisco Ferreira Paes, padre Manoel Dias, coronéis N. Galvão e Alvarenga e de outros — valem affirmações da pureza do idéal do movimento.

A revolução não foi um crime.

Os tribunes judicarios — poder unico competente — em veredictans unanimes proclamaram inconstitucionaes os actos contra os quaes se ergueu o grito de Barbacena.

O movimento foi rápido.

T. Ottoni que estava no Rio de Janeiro quando se operou o movimento, impossível de ser soffreado, na noite de 14 para 15 de junho, deixando o lar querido da familia e arrostando quantos perigos, correu para partilhar da sorte dos seus amigos.

Já se festejava a derrota da Venda Grande, a retirada de Pinheiros, em S. Paulo, estando vencida a revolução, mas Minas estava em armas e o dever de lealdade impunha!

Não foi sem grande embaraço que ponde chegar a seu destino. Havia o alarma das revoluções, a policia estava vigilante, as estradas tomadas. Mas Theophilo Ottoni accorreu resolute, montado na *celere besta Montanha*, cobrindo-se com um chapéo de chile de abas largas, para disfarçar-se.

A ponte do Parahybuna era a *Sphingo*. Parecia impossivel a passagem, illudindo feroz vigilancia.

Ao avizinhar-se, teve de amigos occultos informações para um ardil e preparou-se um passaporte que elle mesmo engenhou, sendo-lhe concedido o suspirado transito. Mas seus olhos lampejaram, e, reconhecido o ardil por quem presencéara a scena, foi-lhe dado alto. Era tarde. Em meio da ponte esporeou o ardego animal, e este apercebido do momento, desapareceu nas linhas do horizonte, deixando pasmos e confusos da audacia os guardas da ponte.

A perseguição era impossivel, o alvo da viagem estava allim attingido.

A fé faz crear prodigios.

A revolução de 1842 era reivindicção de direitos.

A oppressão desde a maioridade.

A lei de ferro de 3 de dezembro de 1841, que reformou os codigos com o arbitrio das prisões, a tutela do jury pela faculdade da appellação, e poder discrecionário dos quesites tirando ao jury a apreciação moral do facto imputado e tornando legitima a condemnação dos accusados que o jury tivesse intenção de absolver.

A dissolução prévia da Camara dos Deputados—violentamente dispersa.

O ludíbrio da justificação desse acto.

A lei inconstitucional do Conselho d'Estado para assento dos oligarchas.

O adiamento da Assembléa Provincial Mineira, que regularmente e com a maior calma proseguia nos seus trabalhos.

A arrecadação sem lei.

Os factos constatados pelo auctor da Revolução de Minas enumerando as causas especiaes do movimento (Historia da Revolução, 1.^o vol., pag. 77).

Taes os lemmas do movimento politico de 1842.

Landulpho, falando da reacção incessante, pertinaz, contra as conquistas do primeiro reinado e da regencia, diz que lhes abriu a

carreira a lei de 3 de dezembro de 1841, cujo influxo domina todo o longo periodo. Esta lei escarnece da Constituição—violando-a; mutila o Codigo Criminal. O conselho de Estado e a lei das interpretações annullam o Acto Adicional. (Cortezaes, pag. 51).

Ninguem procepre culpados quando a revolução não é o crime.

O despeito não é a historia.

O crime mata, a idéa vivifica.

O tempo já deve ter expungido as paixões.

O processo está esclarecido.

S. Paulo e Minas—provincias historicas e dando os melhores exemplos de patriotismo em todas as épochas não fariam apello ás armas, ao juizo de Deus, sem prementes causas.

Mas detenhamo-nos ainda um pouco.

A crítica peçamos a analyse.

Resolvida a revolução a 4 de junho, irrompeu a 10.

Nem se advertiu que tudo faltava, ou, como dá testemunho Marinho, não tinham os rebeldes nenhum armamento, munição, nem dinheiros, nem officiaes.

Do Rio não se remetteu nem uma espingarda.

Os recursos eram os possiveis na occasião.

Os patriotas accorriam a postos.

Nada de telegraphos, de estradas de ferro, de correios que impuzessem confiança.

Advinhava-se o momento da revolução.

Diversos encontros foram dados—no sitio do Mendanha, nas proximidades da villa do Presidio, á margem do Parahybuna, no sitio da Rocinha Grande—a 3 1/2 legoas de Tamanduá, no sitio dos Cafesaes, junto á ponte do Rio Baependy, junto á ponte do Rio Verde, na serra do Baependy, no sitio do Ribeirão, no Corrego Sujo.

Os legalistas tiveram victórias em Araxá, Lagoa Santa e Santa Luzia.

Os rebeldes feitos brilhantes em Caethé, Queluz e Sabará.

No Caethé os rebeldes tomaram a cidade após, energica resistencia das forças leaes.

Em Queluz, diz o historiador dr. Joaquim Manoel de Macedo, feriu-se renhido combate, sendo atacados os revoltosos em numero de 1.300 homens commandados por N. Galvão. Havia na villa uma guarnição de 700 a 800 praças, sob o commando do brigadeiro Manoel Alves de Toledo Ribas. A victoria foi dos insurgentes que levaram em debandada as forças leaes até ás proximidades da Capital.

Perdas dos legalistas—cerca de 50 mortos e feridos e numerosos prisioneiros, uma peça, porção de armamento e viveres. Foram muito menores as perdas dos revoltosos.

Depois dessa victoria T. Ottoni, para não arriscar mais uma gota de sangue mineiro, fez a seguinte proposta, copiada da Historia, de Marinho:

«§ 1.º Que o presidente proclamasse todas as forças que em seu nome podiam estar e de facto estavam em armas na provincia, que tendo sido feita a revolução de Minas unicamente como uma manifestação para apoiar a de S. Paulo, pacificada aquella Provincia, deviam os mineiros depor as armas e assim os convidava.

§ 2.º Que esta proclamação fosse de prompto enviada ao Barão de Caxias, declarando-se-lhe que, para evitar effusão de sangue e pelo motivo na dita proclamação exarado, depunham os mineiros as armas, depois de uma victoria brilhante, qual a de Queluz, e se entregavam á discripção da clemencia imperial.

§ 3.º Que então todas as pessoas notaveis que se achavam no acampamento, tendo a sua frente o presidente, se fossem apresentar ao general em chefe.»

Esta proposta de T. Ottoni, não pôde ser levada a effeito diante de Ouro Preto nos ultimos dias de julho, realizando-se em Santa Luzia a 20 de agosto (Circular, pag. 105).

A verdade historica impõe que se diga que a revolução mallogrou porque os elementos não estavam aparelhados, appareceram indecisões, marchas e contra-marchas, e quando a revolução podia entrar victoriosa em Ouro Preto, ordens foram dadas para que os insurgentes seguissem para Bocaina.

T. Ottoni sujeitou-se para evitar ridiculo desfecho.

O dr. Camillo Armend (Conde do Prados) retirou-se porque, na sua phrase, os pannos quentes perderiam a revolução.»

Na Bocaina foi de novo debatido o plano de ser atacada sem mais demora a Capital, pleiteado com calor por Theophilo Ottoni, mas José Feliciano e o coronel Nunes Galvão foram irreductiveis.

Proseguiu então o exercito para Sabará, onde os rebeldes atacaram e tomaram a cidade, a 12 de agosto, expellindo della os legalistas.

As forças rebeldes compunham-se de 3 columnas commandadas pelos coroneis Nunes Galvão, Francisco José de Alvarenga e Manoel Joaquim de Lemos, os quaes seguiram então para Santa Luzia, onde foi ferida a ultima batalha contra o exercito do Barão de Caxias.

Depois de seis horas de fogo, já estava elle derrotado e em *debandada*—quando surgiu a columna do commandante Lima e Silva—na estrada da Lapa, e o exercito invasor, *collocado entre dois fogos*, foi vencido pelas armas.

Custou a victoria ás forças legais—6 officiaes mortos e feridos, além dos contusos, 16 soldados mortos, dois cabos e 64 feridos.

Os insurgentes perderam todo o armamento e munições de guerra e de bocca, tiveram 49 mortos, grande numero de prisioneiros e feridos.

Falando deste combate, diz T. Ottoni—que os chefes insurgentes podiam dizer como Napoleão em Santa Helena: «Ney! Grouchy!

Dia incomprehensivel em que tudo se perdeu quando tudo estava ganho! Houve trahição ou foi uma dessas fatalidades com que o destino se apraz em zombar das mais bellas combinações do espirito humano

Não podemos deixar de registrar o abandono da causa revolucionaria por José Feliciano, na vespera da batalha, que tanto contristou os chefes rebeldes, esmorecendo o animo das forças revolucionarias. T. Ottoni comprehendendo o desastre dessa resolução inesperada, quando um dos insurgentes lhe perguntou—si, com effeito, o Presidente havia desaparecido? disse em voz alta—dê um tiro no ouvido do primeiro que tal disser, pois que não poderá deixar de ser algum trahidor, emissario do barão de Caxias;—acrescentando—que o Presidente não tendo costume de assistir combates, nem sendo conveniente que se expuzesse, passara para além do rio com uma forte guarda de reserva e occupava uma montanha, que elle procurou designar. (Historia, de Marinho, vol. 1.º, pag. 256).

A' pag. 25 e seguintes, e nos documentos que se lêm no 2.º volume, Marinho consigna:

1.º O proposito em que estava T. Ottoni—em 19 de agosto—de aceitar a presidencia e a direcção do movimento, depois da batalha que se realizou no dia 20.

2.º A resolução que, de accordo com outros amigos, tomou no dia 20 de acabarem com a revolução em Santa Luzia, e ahi ficarem para ser presos, em vez de retirarem escoltados pelas forças respeitaveis de Galvão e Alvarenga, que até á noite occuparam a ponte da villa para proteger a retirada dos insurgentes.

3.º O facto de se acharem na Lagoa Santa, no dia 21, immediato ao da batalha de Santa Luzia, mais de 2,000 homens bem armados e municados e que debandaram por ter-se dissolvido o governo insurgente.

4.º O importante documento assignado pelos coroneis Galvão e Alvarenga, perante o sub-delegado de Mattosinhos, declarando que debandavam suas forças, recolhiam-se ás suas casas e *não se oppo-riam ás leis em vigor, afim de por termo ao derramamento de sangue dos mineiros.*

O documento é datado de 21 de agosto de 1842.

Concluo com esta nota da Circular Ottoni:

Os srs. José Pedro Dias de Carvalho, vigario Joaquim Camillo do Britto, coronel João Gualberto Teixeira de Carvalho, capitão Pedro Teixeira de Carvalho, tenente Antonio Teixeira de Carvalho, padre Manoel Dias do Couto Guimarães e Francisco Ferreira Paes voluntariamente esperaram commigo a entrada do exercito vencedor para darmos testemunho de que alli tinhamos ficado até á ultima hora—e que a revolução estava acabada.

Das reminiscencias desta campanha de 1842, são estas as ultimas e mais gratas ao meu coração (Circular pag. 106).

Os ex-deputado Ottoni, Dias de Carvalho e seus illustres companheiros de glorias e de infortunies foram estupidamente algemados, fazendo a *via crucis* até Ouro Preto, onde podiam ter entrado como vencedores, mas entraram vencidos.

O jornal *Itacolomy* fez o processo da revolução.

O jury absolven por unanimidade todos os patriotas comprometidos.

A amnistia completou afinal o resto.

T. Ottoni foi unanimemente absolvido pelo jury de Marianna, recebido de pé pelos jurados, justificado e restituído puro de mancha á Patria e á familia.

III

1842-1844-1848

Dessolvida a Camara dos Deputados em 1842, esteve T. Ottoni retirado do Parlamento até 1844, quando, como condição para sua entrada no gabinete de 2 de fevereiro, Alves Branco impoz a amnistia dos revoltosos de 1842.

Não se descurava, porém, dos deveres do patriotismo e de bem servir a seu paiz.

No anno de 1844, o general David Canavarro fez um *appello* aos chefes liberaes de S. Paulo e Minas, no sentido de fazerem reaparecer a revolução nestas duas provincias, a fim de secundarem o triumpho dos rio-grandenses livres.

Emissario foi mandado a Theophilo Ottoni. A sua resposta franca e patriótica determinou a pacificação do Rio Grande do Sul, que em armas luctava desde nove annos antes.

Apagou-se o incendio e firmou-se a concordia, na phrase de Torres Homem.

O distincto general Canavarro, em carta a Theophilo Ottoni, publicada na sua Circular, pag. 127 diz: que a sua resposta foi o *pharol que levou ao desejado porto os rio-grandenses livres*.

Dissolvida a Camara em 1844 e mudada a politica, T. Ottoni foi eleito para legislatura de 1845-1848.

Não lhe faltaram as maiores distincções, sendo-lhe reservadas as commissões mais importantes, a vice-presidencia da Camara, e sendo elle apontado pela imprensa opposicionista como o chefe da patriótica maioria da Camara dos Deputados, num meio onde avultavam estadistas e oradores quaes os Andradas, Limpo de Abreu, S. Torres Homem, Gabriel J. dos Santos, Saturnino, Marinho e outros muitos.

Mas T. Ottoni conservou-se arredado da tribuna por que sentia-se em unidade, e não queria embaraçar os chefes do partido liberal, os quaes, na sua phrase — julgavam das trevas poder tirar a luz.

O dia em que reapareceu na tribuna, Wanderley exclamou: « que Achilles tinha sahido da tenda ».

Foi quando subiu o ministerio de 29 setembro que ascendeu primeiro á tribuna para fazer energico discurso de opposição.

IV 1850-1860

MUCURY

Desanimado e descrente da politica, ferido de desgosto pela direcção dada á causa publica, T. Ottoni recusou-se tenazmente de tomar assento na Camara dos Deputados em 1850, verberando o cerceamento da liberdade eleitoral em 1849, eleição que foi presidida pelo ministerio de 29 de setembro.

E norteado por outros idéaes, seguindo o rumo de outras inspirações, lançou as bases dessa famosa Companhia do Mucury — obra de previsão e de patriotismo, cujo objectivo era: — rasgar a matta espessa, chamar á civilização os indios bravios, povoar, colonizar; fundar uma cidade livre no norte de Minas, dar-lhe um porto de sahida, facilitando as communicações para o littoral.

Quem ha mineiro, dizia elle na sua bella circular, que ignore o que é a empresa de Mucury e os motivos patrióticos que a puzeram em scena?

Tratando-se de abrir facil sahida para o Oceano a mais de 200.000 mineiros?

Tratando-se de lhes proporcionar terrenos fertilissimos e tão vastos que em poucos annos poderiam vender ao estrangeiro tantos milhões de arrobas de café como o valle do Parahyba?

Tratando-se de absorver a princeza dos Abróllhos na Patria de Tiradentes, de crear magnifico porto de mar para a briosa Provincia de Minas?

A verdade dos factos impõe-se.

T. Ottoni sacrificára 10 annos de vida preciosissima, seu bem estar num grande meio de affecto, deixava as doçuras do lar, a esposa estremecida, o filho amado; uma cidade onde era chefe politico prestigioso, entusiasmador tribuno popular; sendo por força das circumstancias obrigado a liquidar sua casa commercial importantissima e

tão conhecida dos mineiros para ir expor-se com vezes ás settas hervadas dos indios bravios, em inhospitas brenhas; atravessar pantanos e logares palustres, dormir ao relento, padecer fome, alimentando-se de palmitos sem sal e fructos silvestres; porém,— mais do que tudo! expondo-se ás tramas dos governos, aos assaltos da maledicencia, á deslealdade de falsos amigos, a odios que não cançam.

A honestidade, entretanto,— publica e privada de T. Ottoni, seu patriotismo sem falhas, eram de si bastantes para quebrar os dentes de todos os *Cadmos* da calumnia.

T. Ottoni entrou no Mucury na primeira bandeira, atravessando ilcrestas seculares — virgens de todo o contacto do homem civilizado.

Lovou o primeiro machado.

Foi ao mesmo tempo engenheiro, administrador e operario.

Seu ideal realizou-se vencendo tropeços mil.

E o balanço dos seus serviços tem o seguinte activo:— uma linha de vapores para Mucury; vastos armazens em S. José de Porto Alegre para mercadorias em transitio; um porto de embarque; a desobstrução do rio Mucury, fazendo cortar desembaraçamente as correntes o vapor Paruhype — naquelles mesmos logares, onde, tres mezes antes, a canôa rompia com difficuldade por entre o balseiro; franqueamento ao commercio e industria de mattas riquissimas de madeiras de lei: o rasgamento e construcção da bella estrada de rodagem de Santa Clara á Philadelphia, com 27 1/2 leguas de percurso; plantações de pastos em todo o percurso da estrada, attrahindo tropas para o commercio do sal, carros de bois carregados de mercadorias e fazendas; a fundação de colonias — a militar do Uruçu, uma das mais florescentes — no meio da matta virgem; as de Sant'Anna, S. Jacintho, Santa Maria, o nucleo de S. Benedicto; a aquisição dos melhores colonos — allemães, suissos, portuguezes, austriacos e colonos brasileiros; animação ao commercio, fazendo florescer as industrias; catechese de indigenas; a construcção da formosa cidade de Theophilo Ottoni com seu bello arruamento, seus espaçosos armazens, seus solidos e elegantes edificios; o impulsionamento da plantação das bellas rubiacceas, que enfeitam os morros e que, apesar da superprodução, são os grãos de ouro do Brasil; os algodoes que branquejam, os grandes fumaes, todos os cereaes de consumo; a construcção da estrada do Alto dos Bois até os chapadões de Minas Novas, abrindo ramaes para o Arassuahy e S. João Baptista, e fazendo a junção de todo o Norte.

Em 1869, a colonia tinha 805 almas, a saber:

Allemães.....	254
Suissos.....	31
Portuguezes.....	39
Austriacos.....	146
Brasileiros.....	333

Os colonos distinguiam-se pelo seu genio laborioso e morigerado.

Muitos são hoje abastados fazendeiros com amplas propriedades e bemfeitorias.

Isto é de hontem — acérvo de beneficios de Theophilo Benedicto Ottoni.

Hoje continúa a transformação.

As rodas do progresso não param.

O municipio de T. Ottoni attrahe as ligações das estradas de ferro do sul da Bahia e da Victoria, e será em breve um grande entreposto commercial.

A estrada de Ferro Bahia e Minas tem 376 kilometros com 14 estações, sendo regular o movimento das importações e exportações.

O ramal do Arassuahy está estudado e orçado.

Os governos dos Estados e da União têm os olhos voltados para essa região.

O povoamento e a colonização são as chaves do Mucury. E os dois governos preocupam-se com esse problema.

Mas, prendamo-nos ao passado, porque o passado é Theophilo Ottoni.

O capital da Companhia estava gasto, e por este motivo tinham sido interrompidos os importantes trabalhos da estrada do Alto dos Bois.

O ministro Ferraz fez dependente de *clausulas inacceptaveis a entrega do empréstimo da Companhia, indevidamente retido no thesouro e obrigando-a á encampação.*

Debalde se appellou para S. Magestade.

Elle ia fazer uma viagem ás provincias do Norte, e era boa oportunidade de conhecer por seus olhos a colonia de Mucury.

Ao director da Companhia foi annunciada essa visita.

Theophilo Ottoni esperou.

Como era seu dever, transportou-se immediatamente para a séde da colonia.

Maniu se do melhor transporte fluvial.

Encomendou carros para S. Magestade e seu sequito. Reparou a estrada e organizou as estações de mudas; providenciou sobre quantas medidas de segurança, vendo e provendo para que a hospedagem correspondesse á hospitalidade mineira. Porém os maus fados da companhia, não permittiram a visita. E quando todos, com a alma em festas, aguardavam o apontamento do soberano, a flotilha imperial singrou para os mares do sul.

Nesse dia funesto — T. Ottoni perdeu o resto das esperanças na justiça e sem fazer cabedal dos seus sacrificios, da fortuna comprometida.

tida de sua família, aceitou essa encampação imposta, mediante o tagamento do capital realizado em terras de índios no centro da matapa virgem e sem demarcação!

E assim acabou esta lucta de 10 annos de abstenção politica, mas de perseverante obra de patriotismo!

Maus 10 annos para elle e sua familia, felizes 10 annos para o engrandecimento da Patria!

Em 1857, adiantados os serviços do Mercury, rascandou na alma patriótica de Theophilo Ottoni o desejo de voltar à politica para continuar a volar pela causa publica noutra esphera de acção.

A circular que publicou foi desfraldando podtos de reforma — a parcial do Senado em cada legislatura e a eleição dos senadores por circulos.

Eram idéas rejuvenescidas da *Sentinella do Serro*.

Suas palavras tiveram repercussão entusiastica no eleitorado mineiro, revelada em successivas eleições.

Em 1859, 1860, 1861 e 1862 foi apresentado em 1.º lugar em listas triplices senatoriaes á escolha do imperador.

Em 1862 a apresentação foi por Matto Grosso, e tello-ia sido por todas as provincias onde se dessem vagas. O Paraná já cogitava disto.

T. Ottoni, naquella época, era verdadeiramente popular, o amado do povo, o sacerdote da Liberdade.

As suas preterições irritavam.

Mencionarei, aqui, de passagem, sua circular de 1860 — um catholicismo de idéas democraticas, a fé de officio do seu patriotismo.

Lembrarei esse manifesto incendiado com o titulo — A Mentira de Bronze, — que esfriou as festas da estatua equestre de Pedro I.

A sua collaboração na *Actualidade* — o precioso organo devido ás pennas diamantinas de Lafayette, Pedro Luiz e Flavio Farnese.

Os seus artigos no *Correio Mercantil*, de F. Octaviano.

Em 1861, dirigia celebre pleito eleitoral na Capital do Imperio, derrotando as summidades do partido conservador em toda pujança de sua força.

T. Ottoni poudo vencer em todas as parochias.

Lembro-me delle em Santa Rita, acenando ás multidões com seu lenço branco.

A chapa de deputado, que venceu, compunha se do seu nome, de Octaviano — o principe da imprensa, de Saldanha Marinho, depois um dos patriarchas da Republica.

Um brilhante triumvirato.

Em 1862, prestou serviços inolvidaveis á paz publica, na celebre questão Christie.

O povo em massa levantara-se contra o ministro da Inglaterra — W. Dougal Christie, e elle pacificou o movimento, encaminhando a decisão para o arbitramento.

O rei da Belgica deu ganho de causa á nossa Patria.

Em 1863 fez parte da liga politica de liberaes e conservadores, com denominação de partido progressista, sendo a aclamado um dos chefes do directorio.

Nesse anno foi eleito, quasi por unanimidade, deputado por Minas e entrou pela quinta vez na lista triplice senatorial, sendo então escolhido.

As manifestações por este acontecimento mostraram a estima da Nação para com o grande cidadão, que antes de ser senador do Imperio era o senador do Povo.

No Senado fez figura de destaque, nunca enrolando sua bandeira. Era o democrata convencido, o patriota *sans peur et sans reproche*.

Todos o acatavam, mesmo seus adversarios extremados.

A queda parlamentar do conselheiro Furtado fez o rompimento da liga, e T. Ottoni foi um dos chefes dos liberaes historicos.

Ao inaugurar-se a situação conservadora, em 16 de julho de 1869, proferiu seu ultimo discurso resistindo ás prescripções dos medicos.

Foi o canto do cysne...

O discurso de T. Ottoni, diz Joaquim Manoel de Macedo, si não foi o melhor, foi um dos melhores, dos mais logicos e illuminados dos seus discursos ».

Mas falemos dos seus ultimos annos, é a sua biographia moral.

V

ULTIMOS ANOS

Nos últimos annos de sua vida, o grande servidor da Patria, o inolvidavel Theophilo Benedicto Ottoni — minado de enfermidades, com o figado atacado, com infiltrações de impaludismo, soffrendo do coração, ainda luctava e trabalhava!

Via-o quem escreve estas linhas pallidas — no recêso do lar querido, de pé desde cedo, fazendo leitura rapida dos jornaes, notando cartas innumeradas para respostas, fazendo apontamentos de pedidos, uma refeição rapida, e sahindo para a labuta da vida.

T. Ottoni deputado, depois senador, accumulando funções outras de bancos e companhias, fatigando-se e mantendo-se para solver debitos, não de ostentação e goso, não de despesas superfluas, mas de pagamentos honrados de um patriotismo infeliz.

T. Ottoni que, em honrado commercio, tinha conseguido ajuntar uma fortuna de 300 contos de réis, na malfadada Empresa de Mucury perdeu sua fortuna, arruinou sua saude e contrahiu o morbus que o levou á sepultura.

Posso dar testemunho.

Deu em pagamento uma casa á rua de S. Pedro, aos herdeiros de um tio — Francisco Maia.

Dou o palacete de sua residencia, á rua do Bispo, que era seu lar querido e construido por elle mesmo, ao visconde de Mauá, pagamento que completou em terras do Mucury.

Muitos pagamentos outros fez com vencimentos e subsidios.

A vida de T. Ottoni foi sempre das mais modestas, sem despesas de fausto, a mesa parca, sem baixellas, nunca dando bailes, nem jantares.

Não tinha carro nem parellas.

Raro andava de tilbury.

Fazia grandes caminhadas a pé.

Dado o desastre do Mucury poupava-se em mais a despesas.

Residia, então no velho solar do dr. Azeredo, á rua do Catumby, em frente á casa do conselheiro Zacharias, e que constituia parte

do dote de sua mulher — filha do dr. Azaredo, antigo medico do Paço.

Muita vez, ao deixar o Senado, á rua do Areal, no antigo Paço do conde de Arcos elle ia em fóra, — a pé, passando pela cidade Nova, Mangue, rua do Bom Jardim, ora com as pernas tropegas, um edema tomando a circulação, e precisando de um braço de amparo. T. Ottoni soffria do coração (oh! si não soffrera...) mas elle não acreditava ou fingia ignorar. A conselho de medicos, que eram seus amigos, dr. Bonjean, Meirelles e Vieira de Mattos, fazia estação de aguas, em Minas, passando dias e mezes com o seu grande amigo o sr. barão de S. João Nepomuceno.

Facto característico é que, nas suas viagens, descobria-se sempre com medo de deixar de cumprimentar alguém a quem devesse favores na sua provincia. Vêso antigo de sua popularidade, dos bons tempos do lenço branco.

Em Minas, em verdade, T. Ottoni era estimadissimo. Em toda a parte via-se o seu retrato e o seu nome adoptado em muitas familias.

De uma feita nos encontramos na Aparecida, municipio de Cantagallo, em casa do irmão d'elle e ailhado, o dr. Eloy Ottoni, eu em férias, elle na sua digressão de saúde.

Nunca mais me esquecerei daquelles dias de intimidade, de expansões abertas.

Dormiamos no mesmo aposento.

Os donos da casa se accommodavam cedo, e nossas palestras se estendiam por horas adeantadas da noite.

O finado senador Ottoni confundia pela bondade, e eu, sobrinho, quero disputar a gloria de sua predilecção.

No decorrer de dias placidos e monotonos da roça, fóra dos arduos das cidades e da tensão dos acontecimentos, gosavamos do carinho da hospitalidade, faziamos digressões por fazendas, corriamos os jornaes, elle lia suas cartas da esposa, do filho amado, de innumeros amigos, palestravamos, commentavamos. Era uma delicia a convivencia.

Durava então a guerra do Paraguay, e o senador Ottoni com a segurança dum general, conhecendo mappas e logares, marcava com a bengalla a estrategia dos combates.

Revelou-me que uma vez tinha querido ser ministro por motivo da guerra.

Dotado de sentimentos os mais delicados, nobilissimos, de coração sensível, era estremeado na familia, querido na ródá de seus amigos.

Em T. Ottoni, viam-se duas individualidades — o politico e o homem privado.

A' penna rútila de Joaquim Manoel de Macedo, peçamos os conceitos.

Politico—era impetuoso, inspirado, radiante de talento, corajoso, incapaz de recuar; estupendamente ativo assoberbador de violentas tempestades, vulcão de sarcasmos em lavas ardentes, o genio, pôde-se dizer, das borrascas.

Homem privado—era rico de virtudes, alma candida, optimo coração.

Quando me recordo das nossas confabulações...!

Numa das noites, lembro-me bem, depois de ter feito o inventario da sua vida explicando seus desgostos e revezes, disse-me estas palavras: — «o estou pobre!»

Passaram-se annos.

E a morte o fulminou em 17 de outubro de 1869.

Li na imprensa e vi por cartas que a viuva de T. B. Ottoni — d. Carlota Amalia Ottoni — havia accedido a herança a beneficio do inventario e que todos os bens haviam sido rateados por credores.

O dr. T. Ottoni, filho, só pôde herdar o nome de seu pae.

A morte de T. Ottoni abalou as fibras do Paiz inteiro, emocionou a alma nacional.

Que perda irreparavel!

Desgraça tremenda!

A noticia circulou com a rapidez do relampago.

As portas se batiam, e amigos e adversarios accorriam para junto do leito de morte.

Lagrimas suffocavam.

Silveira Lobo—o grande athleta, o entusiasta de outr'ora e que d'elle estava separado, compareceu chorando, e perguntava em soluços—«porque não cheguei mais cedo»!

As classes alli estavam confundidas, sem distincções convencionaes.

A linguagem era a dor.

Momento horrivel!

Seu caixão foi levado em mãos até ao Cemiterio, todos disputando-se as ultimas homenagens.

Muitas flores foram desfolhadas sobre a sepultura.

A verdade feia era uma—juzia por terra o grande luctador!

Na Reforma, Laffayette o grande brasileiro e emerito juriconsulto assim se exprimiu:

O preclarissimo varão que a morte acaba de arrebatár ás lutas da vida, foi o mais alto, o mais completo e o mais constante representante que a democracia já teve nesta terra.

A natureza parece que o destinara para tão grande tarefa.

Elle tinha o genio, a eloquencia, o sentimento, o instincto, a energia, a actividade e até as coleras da democracia.

A sua longa carreira publica—quarenta e dois annos de uma vida insana—foi uma cadeia de esforços herculeos, de dedicações quentes, de dores supremas pela idéa liberal!

Agora, um juízo de todos :

T. B. Ottoni, vindo d'Armada, jornalista de raça, conspirador e alma de revoluções, grande commerciante, deputado em diversas legislaturas, senador, chefe prestigioso de partido, apontado entre os notáveis num meio de *elite*, director de bancos e companhias, com todas as facilidades de credito, empresario elle mesmo, passando por suas mãos milhares de fortunas, com uma vida sem fausto, modesta por habito, fechava os olhos ao mundo em honrada pobreza.

Agora, Christiano Ottoni :

As demonstrações de saudade das assembléas provinciaes, das camaras municipaes, das sociedades politicas, do povo, de cidadãos eminentes, da imprensa, de oradores e poetas, da Nação, em summa; e as preces piedosas, os santos sacrificios, as harmonias religiosas, a voz das levitas do Senhor; todas estas manifestações tão uniformes, tão cheias de unção, formam o depoimento dos contemporaneos com que a memoria de T. Ottoni se apresentará á posteridade. Depoimento uniforme num ponto: «foi um varão forte e justo».

CATALOGO

DOS

Livros manuscriptos pertencentes ao Archivo Publico Mineiro

Classificação chronologica

(1702—1870)

1. Secção — Capitania

(1702—1821)

N.º.	MATERIA	DATA
1	R. (*) alvarás, regimentos, cartas e ordens regias, cartas patentes, provisões, confirmações de cartas-patentes, sesmarias e doações.....	1702—1740
2	id. alvarás, regimentos, cartas ordens regias, cartas-patentes, provisões confirmações de cartas-patentes, sesmarias e doações.....	1702—1751
3	Collecção summaria e systematica de leis, ordens, cartas e mais actos regios concernentes a administração da capitania.....	1708—1788
4	R. alvarás, ordens, cartas regias, e officios do (i) (*) ao Rei.....	1709—1721
5	id. alvarás, ordens, decretos e cartas regias.....	1709—1735
6	id. regimentos, ordens, cartas regias, rezoluções e termos	1709—1754
7	id. rezoluções, bandos, cartas-patentes, provisões, patentes e sesmarias.....	1710—1713
8	id. patentes nombramentos e provisões.....	1711—1713
9	id. cartas, ordens, despachos, instrucções, bandos, cartas patentes, provisões e sesmarias.....	1713—1717

(*) abreviatura de—registros.

(*) — abreviatura de Governador, governo